

CARTOGRAFIA: PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO

Márcia Maria de Sousa¹

Guilherme Saramago de Oliveira²

A Cartografia como estratégia metodológica insurge justamente da necessidade de métodos que não apresentem somente os resultados finais da pesquisa desconsiderando os processos pelos quais a mesma passou até chegar à sua instância final, mas que acompanhem seu percurso construtivo sempre em movimento e o percebam como algo incompleto, transitório e que multiplica as possibilidades ao invés de restringi-las (OLIVEIRA; MOSSI, 2014, p.191).

Resumo:

Este artigo objetiva situar a Cartografia como um princípio do pensamento rizomático postulado por Deleuze e Guattari a partir de aproximações com formulações teóricas de Foucault, passando pela sua apropriação como método de pesquisa, cujos princípios possibilitam a construção de uma abordagem de investigação aberta e inventiva. A partir da exposição de suas características singulares, a Cartografia é apontada como alternativa metodológica condizente com estudos sobre a produção de subjetividades em diferentes áreas de conhecimento, entre elas as envolvidas no campo educacional.

Palavras-Chave: Cartografia. Método de Pesquisa. Pesquisa em Educação.

Abstract:

This paper aims to situate Cartography as a principle of rhizomatic thought postulated by Deleuze and Guattari from approaches with theoretical formulations by Foucault, through its appropriation as a research method, whose principles enable the construction of an open and inventive investigation approach. From the exposure of its unique characteristics, Cartography is identified as a methodological alternative consistent with studies on the production of subjectivities in different areas of knowledge, including those involved in the education field.

Keywords: Cartography. Research Method. Research in Education.

1. Conceito de Cartografia

Cartografia é um termo tradicionalmente utilizado para se referir ao traçado e estudo de cartas geográficas e mapas, sendo uma das formas de representação gráfica mais antigas usadas pela humanidade para delimitar territórios e registrar trajetos percorridos.

¹ Doutoranda. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia.

² Doutor. Professor da Universidade Federal de Uberlândia.

De acordo com Prado Filho e Teti (2013),

A cartografia tradicional encontra-se ligada ao campo de conhecimento da geografia e busca ser um conhecimento preciso, fundado em bases matemáticas, estatísticas, contando com instrumentos e técnicas sofisticadas. Sua especialidade é traçar mapas referentes a territórios, regiões e suas fronteiras, demarcações, sua topografia, acidentes geográficos, como pode ainda tratar da distribuição de uma população em um espaço, mostrando suas características étnicas, sociais, econômicas, de saúde, educação, alimentação, entre outras. O mapa como representação de um território e das características de uma população é um instrumento fundamental da Geografia física e da Geografia humana, a Demografia (PRADO FILHO; TETI, 2013, p. 47).

A Cartografia consiste, portanto, em uma atividade que envolve o estudo detalhado de aspectos da realidade física e social que são representados graficamente, de modo a possibilitar a visualização e a compreensão desses aspectos por outras pessoas que podem conhecê-los por meio da experiência vivenciada e traçada pelo cartógrafo.

Desse modo, pode-se compreender a Cartografia como atividade que já na sua concepção tradicional, apresenta uma dimensão dinâmica que não apenas registra, mas acompanha as mudanças dos territórios que torna visível.

Como método de pesquisa e investigação, a Cartografia é uma estratégia historicamente recente, que tem como referência a formulação apresentada por Gilles Deleuze e Félix Guattari na Introdução de Mil Platôs. (DELEUZE; GUATTARI, 1995).

Nesta formulação, a Cartografia é apresentada como um dos princípios do rizoma, que por sua vez é um conceito filosófico criado por Deleuze e Guattari (1995), a partir da aproximação com o termo *rizoma*, utilizado na botânica para definir um modo de entendimento da realidade que se opõe ao modelo tradicional, organizado e centralizado de pensamento.

Contra os sistemas centrados (e mesmo policentrados), de comunicação hierárquica e ligações preestabelecidas, o rizoma é um sistema a-centrado não hierárquico e não significante, sem General, sem memória organizadora ou autômato central, unicamente definido por uma circulação de estados (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 31).

Desta forma, o rizoma propõe uma perspectiva para pensar a realidade não mais ancorada no tradicional sistema “árvore-raiz” (que parte de uma estrutura universal, rígida, fixa e linear). Mas uma perspectiva que pensa e conhece a realidade a partir da multiplicidade, considerando as diferenças e heterogeneidades e não a essência e os significados já estabelecidos que interpretam as coisas do mundo.

Tal qual um bulbo que surge e se ramifica a partir de um broto em um ponto qualquer da planta, o rizoma “Trata-se do modelo que não pára de se erigir e de se entranhar, e do processo que não pára de se alongar, de romper-se e de retomar” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 31).

Assim, o rizoma é um tal modo de pensar que abrange os fenômenos para além das estruturas e das interpretações preestabelecidas, contemplando situações, sujeitos, objetos, ocorrências e relações que não se encaixam em estruturas dualistas de pensamento (sujeito-objeto, unidade-totalidade, síntese-análise, corpo-mente, natureza-cultura, entre outros) e nas interpretações usuais revestidas de caráter científico pela modernidade.

De acordo com Simonini (2019),

Deleuze e Guattari colocaram em movimento uma maneira outra de problematizar o entendimento do que seja a realidade. Consideraram eles que a realidade, enquanto produção maquínica, não se sustentava em nenhuma essência, em nenhuma verdade inaugural, em nenhum fundamento centralizador e em nenhuma consciência transcendente a dar um destino unificado ao universo. Ao contrário disso, propuseram que a realidade não é necessariamente um lugar, mas um processo de composições plurais a tramarem mundos. As significações, as políticas, as estéticas, as linguagens, os sujeitos..., surgiram como transitórios nódulos nessas tramas, no dobrar das linhas de um rizoma (SIMONINI, 2019, p. 4).

Compreende-se então que, na perspectiva rizomática, a definição tradicional de cartografia se expande para uma atitude de experimentação do pensamento, que se coloca em movimento para acompanhar processos dinâmicos de produção de realidades que não seguem padrões e percursos habituais. Nesse sentido, cartografar vai além do desenho de mapas e se dirige para a construção de diagramas, ou seja, de esquemas visuais que tornam aparentes novos tipos de realidades. Desse modo, os diagramas se configuram por meio do traçado das relações que se estabelecem entre elementos de diferentes naturezas num determinado campo social, tornando-as enfim, perceptíveis e conhecidas.

No entanto, para melhor entender a Cartografia nessa perspectiva é fundamental compreender os outros princípios que compõem o rizoma, uma vez que eles complementam o modo como a Cartografia se amplia enquanto método de pesquisa, ou melhor dizendo, “[...] como estratégia de análise crítica e ação política, olhar crítico que acompanha e descreve relações, trajetórias, formações rizomáticas, a composição de dispositivos, apontando linhas de fuga, ruptura e resistência” (PRADO FILHO; TETI, 2013, p. 47).

De acordo com Deleuze e Guattari (1995), *conexão* e *heterogeneidade* são os dois primeiros princípios que compõem o funcionamento do rizoma. De acordo com os autores, qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. “[...] Um Cadernos da Fucamp, v.21, n.50, p.17-33/2022

rizoma não cessaria de conectar cadeias semióticas, organizações de poder, ocorrências que remetem às artes, às ciências, às lutas sociais” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 14-15).

Isso significa que as conexões estabelecidas entre os pontos de um rizoma não seguem um padrão linear, uma hierarquia ou uma lógica de causa e efeito. Signos de diferentes naturezas podem se conectar, formando cadeias semióticas díspares e heterogêneas, que determinam um pensamento de igual teor para poder acompanhar os desdobramentos dessas conexões no campo social.

Já *multiplicidade* é um terceiro princípio do rizoma compreendido pela trama que se constitui a partir das trajetórias múltiplas e diversificadas que as linhas engendram ao conectarem um ponto a outro. Desse modo, “As multiplicidades se definem pelo fora: pela linha abstrata, linha de fuga ou de desterritorialização segundo a qual elas mudam de natureza ao se conectarem às outras” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 16). Para esses autores, não existe uma unidade ou princípio único que agrupe unidades de medida, o que existe são variedades de medida, sendo que as dimensões de uma multiplicidade mudam sua natureza ao passo que estabelecem mais conexões.

O quarto princípio denominado por Deleuze e Guattari (1995) como *ruptura a-significante* refere à propriedade que possui um rizoma de ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retomado segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas.

Sendo o rizoma constituído por relações nas quais um ponto qualquer pode se conectar com outro ponto qualquer, desenhando traços de diferentes formatos e direções, sua estrutura se define por uma multiplicidade de linhas que se atravessam, entrecruzam, metamorfoseiam e mudam de natureza constantemente.

Para Deleuze e Guattari (1995) o rizoma deve ser compreendido como um modo de pensamento que não parte de um ponto de origem ou de um princípio ou proposição fundamental, de modo a romper com o raciocínio lógico que permeia a construção de conhecimento na modernidade.

O rizoma procede por variação, expansão, conquista, captura, picada. Oposto ao grafismo, ao desenho ou à fotografia, oposto aos decalques, o rizoma se refere a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 32).

Nesse sentido, *cartografia* e *decalque* são apresentados como quinto e sexto princípios do rizoma, sendo a cartografia a possibilidade inventiva de produzir mapas, ou seja, de problematizar e acompanhar o andamento dos processos que ocorrem nesse sistema

Cadernos da Fucamp, v.21, n.50, p.17-33/2022

formado por múltiplas conexões que operam em movimento contínuo, constituindo territórios outros e diversos que escapam às estruturas pré-estabelecidas, ordenadas e fixas do decalque. Daí a contraposição da *cartografia* ao *decalque* como movimento criativo que caminha em fluxos avessos aos de repetição e de volta constante “ao mesmo”, que propõe outros traçados que atravessam aqueles já estabelecidos pelas estruturas de pensamento enraizadas e reproduzidas ao infinito (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 20).

Enquanto o decalque opera por imitação, reforçando estruturas e padrões,

O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 21).

Desse modo, é possível entender porque a Cartografia é empregada por Deleuze e Guattari (1995) como termo pertinente para ultrapassar o decalque e como um princípio que dinamiza o rizoma. Considerando que “Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 36), pode-se inferir que a Cartografia é um princípio que possibilita a experimentação de diferentes entradas, saídas e trajetos quantos se fazem necessários para explorar as nuances da realidade contemporânea, que é múltipla, não binária e permeada por incertezas e rupturas.

Segundo Costa (2014), a respeito do conceito de Cartografia no pensamento de Deleuze e Guattari (1995),

O conceito, inicialmente retirado da geografia, é transposto para os campos da filosofia, política e subjetividade. O que os filósofos querem é pensar a realidade através de outros dispositivos que não os apresentados tradicionalmente pelos discursos científicos, valorizando aquilo que se passa nos intervalos e interstícios, entendendo-os como potencialmente formados e criadores de realidade (COSTA, 2014, p. 69-70).

Nesse ponto, a necessidade de compreender a definição do que sejam *dispositivos*, aproxima das referências que Deleuze e Guattari (1995) buscam nas perspectivas metodológicas de Foucault (arqueologia do saber, genealogia do poder e genealogia da ética) incorporando essas perspectivas na formulação da Cartografia como método rizomático.

Para Prado Filho e Teti (2013) os dispositivos, conforme as análises genealógicas de Foucault remetem “[...] a uma maquinaria complexa que articula elementos e práticas diversas de saber e poder, produzindo efeitos de subjetividade [...]” (PRADO FILHO; TETI, Cadernos da Fucamp, v.21, n.50, p.17-33/2022

2013, p. 48). Trata-se portanto, de um conjunto de elementos que operam de modo estratégico, sutil e capilar, na produção de subjetividades.

Segundo esses autores, os dispositivos são compostos por

[...] discursos, instituições e aparelhos diversos, organizações arquitetônicas, leis, regulamentos, decisões, medidas administrativas, conceitos científicos, enunciados, proposições filosóficas e morais, acrescentando que o dito e o não dito são componentes dos dispositivos (PRADO FILHO; TETI, 2013, p. 48).

A composição multilinear dos dispositivos permite que estes se movimentem e atuem tanto na dimensão de saber (pelas linhas de visibilidade e enunciação), como na dimensão de poder (linhas de força como vetores que os atravessam), envolvendo nesse processo jogos de objetivação e subjetivação, normalização de práticas e condutas, mas também movimentos de mutação, renovação e atualização (linhas de ruptura e fratura). Os dispositivos operam, portanto, num modo de funcionamento rizomático, o que suscita uma análise de caráter semelhante que seja capaz de acompanhar as tramas que compõe sua estrutura e compreender suas expansões.

Nesse sentido, a Cartografia se apresenta como possibilidade de adentrar as redes que compõem os dispositivos, visando exatamente desemaranhar as linhas que se cruzam e entrecruzam nesse “novelo”, tornando visível os agenciamentos que estes estabelecem no campo social.

Por sua vez, os agenciamentos podem ser definidos como

[...] articulações singulares de forças que se mobilizam estrategicamente em torno de objetivos, envolvendo enunciações e relações de poder, tanto podendo capturar, anular e assujeitar, quanto organizar formas de resistência a jogos de objetivação e subjetivação (PRADO FILHO; TETI, 2013, p. 48).

Configurando uma espécie de encontro fortuito que se instaura no campo social, a partir da conexão entre elementos de diferentes instâncias, cujas trajetórias se entrelaçam produzindo subjetividades, os agenciamentos provocam atitudes tanto normatizadoras, como de resistência. “Um agenciamento comporta componentes heterogêneos, tanto de ordem biológica, quanto social, maquínica, gnosiológica, imaginária” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 317).

A esse respeito, Prado Filho e Teti (2013), posicionam os agenciamentos como outro termo proveniente da afinidade teórica estabelecida entre Deleuze e Guattari (1995) e Foucault cujas formulações contribuem com o entendimento da cartografia no sistema rizomático.

As colocações de Barreto, Carrieri e Romagnoli (2020) são também esclarecedoras no sentido de atrelar o conceito de agenciamento ao de território.

Esses agenciamentos (encontros e conexões), por conseguinte, formam territórios – um mapa que representa suas múltiplas conexões. São os agenciamentos que nos permitem conectar com outras forças que não habitam os estratos, mas circulam fora deles, pela possibilidade de nos afetarmos por essas forças e nos associar com diferenças. [...] A territorialidade emerge, portanto, como mais um conceito importante e se refere ao plano de imanência dos agenciamentos – os quais trazem consigo um esforço territorializante, de organização das forças que foram conectadas, gerando novos territórios (BARRETO; CARRIERI; ROMAGNOLI, 2020, p. 52).

A Cartografia por sua vez, seria uma estratégia do pensamento rizomático capaz de reconhecer as dimensões e alcances dos agenciamentos na produção de subjetividades e de inventar – pelas vias da sutileza e da organicidade dessas mesmas estruturas e relações – caminhos e trajetos capazes de produzir rupturas, desterritorializações e reversões em seus modos de operação.

Uma vez especificadas as aproximações provenientes do diálogo conceitual empreendido entre Deleuze, Guattari e Foucault na formulação da Cartografia como modo de enfrentamento, resistência e desmontagem de dispositivos e de acompanhamento de processos de agenciamento, é possível passar a abordá-la como método de pesquisa que incorpora uma atitude de investigação mais aberta, flexível e abrangente de pensamento.

2. A Cartografia como método de pesquisa

Como possibilidade e postura investigativa que proporciona o estudo de processos de criação e de construção de subjetividades, a Cartografia se oferece como uma alternativa metodológica no âmbito da pesquisa qualitativa, que consegue adentrar no emaranhado das múltiplas e heterogêneas dimensões que as relações entre sujeitos e objetos tecem no contexto contemporâneo.

No entendimento de Oliveira *et al.* (2020, p. 2), “[...] uma pesquisa de natureza qualitativa busca dar respostas a questões muito particulares, específicas, que precisam de elucidações mais analíticas e descritivas”. O conhecimento, nas pesquisas com abordagem qualitativa, conforme os autores (2020, p. 2), “[...] não se restringe a uma mera interpretação de dados isolados, estáticos, conectados por uma análise de cunho puramente descritivo ou explicativo”.

Para Costa (2014) a Cartografia deve ser entendida como uma prática ou pragmática de pesquisa. Mais que uma metodologia de pesquisa, ela [...] está ligada a um exercício ativo

de operação sobre o mundo, não somente de verificação, levantamento ou interpretação de dados” (COSTA, 2014, p. 67).

Segundo Kastrup (2009), a Cartografia proposta a partir da formulação de Deleuze e Guattari (1995)

[...] visa acompanhar um processo, e não representar um objeto. Em linhas gerais, trata-se sempre de investigar um processo de produção. De saída, a ideia de desenvolver o método cartográfico para utilização em pesquisas de campo no estudo da subjetividade se afasta do objetivo de definir um conjunto de regras abstratas para serem aplicadas. Não se busca estabelecer um caminho linear para atingir um fim (KASTRUP, 2009, p. 32).

A Cartografia se constitui, portanto, em uma atitude de investigação pertinente com pesquisas que acompanham os fluxos de processos de subjetividade e requerem procedimentos mais abertos e mais inventivos. Isso porque tem como proposta uma reversão metodológica, transforma o método (*metá* = reflexão, raciocínio, verdade + *hódos* = caminho, direção) em *hódos-metá*, ou seja, um caminho a ser experimentado e não um método a ser aplicado (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009).

Nessa perspectiva, o rigor da pesquisa está na proximidade com a vida e sua precisão está no compromisso e no interesse do pesquisador, como implicação na realidade e como intervenção.

Como método de pesquisa-intervenção a Cartografia implica numa orientação não prescritiva do trabalho do pesquisador, uma vez que sua execução não ocorre a partir de regras prontas e objetivos estabelecidos previamente (PASSOS; BARROS, 2009).

Passos, Kastrup e Escossia (2009) defendem, portanto, que no lugar de regras a serem aplicadas, o trabalho do cartógrafo na pesquisa é guiado por pistas que são como referências que convergem para que a atitude de abertura ao que é produzido ao longo do percurso da pesquisa seja mantida. Passos e Barros (2009), por sua vez, explicam que “A cartografia como método de pesquisa é o traçado desse plano da experiência, acompanhando os efeitos (sobre o objeto, o pesquisador e a produção do conhecimento) do próprio percurso da investigação” (PASSOS; BARROS, 2009, p. 17-18).

O plano da experiência como intervenção acentua a dimensão política da pesquisa, de modo que a intervenção produz um plano de implicações colocando em análise os jogos de forças entre valores, interesses, expectativas, desejos e crenças, que por sua vez gera o conhecimento. Pela perspectiva da Cartografia, fazer e conhecer são inseparáveis, ou seja, “Conhecer é, portanto, fazer, criar uma realidade de si e do mundo, o que tem consequências políticas” (PASSOS; BARROS, 2009, p. 30).

Isso ocorre porque o método cartográfico propõe estratégias de análise crítica e de enfrentamento (desmontagem e resistência) de dispositivos, ou seja, de ações que promovem o desemaranhar das linhas que constituem as redes formadas por um conjunto de elementos díspares e heterogêneos que se sustentam e são sustentados por relações de força e poder.

Passos e Barros (2009) esclarecem que o conceito de transversalidade de Guattari contribui sobremaneira com a definição do método cartográfico segundo o qual o trabalho da análise consiste ao mesmo tempo em descrever, intervir e criar “efeitos-subjetividade”.

Essa perspectiva de compreensão múltipla e complexa da realidade, demanda do pesquisador um olhar que seja acolhedor e flexível e que esteja aberto à recursividade, ao inesperado e, conseqüentemente, à reelaboração, ou seja, ao caráter inacabado e provisório de um tipo de pesquisa que não apresenta como resultado verdades prontas, mas a possibilidade da emergência constante de novas perguntas, questões e recomeços.

De acordo com Barreto, Carrieri e Romagnoli (2020)

Uma postura rizomática pode demandar um desenho metodológico quase que *artesanal*, adequado ao contexto, problema, objeto e aos sujeitos participantes da investigação. [...] Se olharmos especificamente para o pesquisador, tal postura tem como pressuposto que a própria pesquisa dá-se em um contexto de produção da vida, ou seja, são os encontros e afetações que permitem que o próprio trabalho seja construído a todo momento (BARRETO; CARRIERI; ROMAGNOLI, 2020, p. 55)

Desse modo, a pesquisa cartográfica pressupõe que a atenção no trabalho do cartógrafo deve ser entendida como um processo complexo que pode assumir diferentes funcionamentos: seletivo ou flutuante, focado ou desfocado, concentrado ou disperso, voluntário ou involuntário, em várias combinações. Isto significa que a atenção do cartógrafo deve ser preparada para selecionar o elemento no qual deve pousar sua atenção, dentre aqueles múltiplos e variados que atingem os seus sentidos e os seus pensamentos.

Outra pista pertinente a ser seguida na Cartografia, e que Costa destaca com precisão, é que “Como o que se passa entre é o mais interessante, resta ao cartógrafo estar suficientemente poroso a estas microssensibilidades que se instauram nas zonas fronteiriças” (COSTA, 2014, p. 67).

Nesse sentido a contribuição do conceito de “atenção flutuante” de Freud (1912/1969), que, de acordo com Kastrup (2009), consiste numa atenção aberta, sem focalização específica, onde a seleção encontra-se inicialmente suspensa (adormecida), assim como o conceito de “suspensão” (fenomenológica) de Husserl como ato de

desmontagem da atitude cognitiva natural, permitem compreender que a atenção na cartografia deve ser aprendida pelo cartógrafo.

Isso porque, durante a produção dos dados numa pesquisa de campo, o cartógrafo deve estar preparado para suspender suas próprias inclinações e expectativas, evitar a seleção prévia e também a obturação de elementos surpresa, estando ao mesmo tempo, aberto para ao encontro, ao inesperado.

Kastrup (2009) ressalta que a atenção do cartógrafo deve ocorrer num “[...] movimento de vaivém, articulando os sucessivos gestos de suspensão e as interrupções subsequentes” (KASTRUP, 2009, p. 38). A esse respeito a mesma autora destaca os variados modos de funcionamento da atenção, a saber:

- 1 – rastreio** – corresponde a um gesto de varredura do campo visando uma espécie de alvo móvel que pode mudar de posição, velocidade, aceleração e ritmo, se aproximando da percepção háptica, melhor dizendo, movimento de exploração sinestésica – que opera no domínio de todos os sentidos – e aleatória que supera a visão figura-fundo;
- 2 – toque** – consiste numa rápida sensação, um pequeno vislumbre, que aciona em primeira mão o processo de seleção;
- 3 – pouso** – refere à uma parada da percepção na qual o campo de fecha em um zoom. Referenciada em Vermersch (2002a), Kastrup (2009) explica que no pouso, a janela atencional pode mudar de escala de janela micro (que elimina completamente o entorno), a janela-página (comportando indícios de distribuição da atenção), ou janela-sala (atenção dividida), ou janela-pátio (deslocamento e orientação), ou janela-paisagem (conectando elementos próximos e distantes em movimentos rápidos);
- 4 – reconhecimento atento** – incide em ver o que está acontecendo, calibrando a atenção, de modo a reconduzi-la ao objeto para destacar os seus contornos. Ponto de interseção entre memória e percepção no qual, como aponta Bergson (1897/1990) ocorre a “[...] revelação da construção da percepção através do acionamento dos circuitos e da expansão da cognição” (KASTRUP, 2009, p. 47).

Uma vez que, para Deleuze e Gattarri (1995) a Cartografia é uma performance que precisa ser desenvolvida como uma política cognitiva do cartógrafo, o mesmo deve pautar-se numa atenção sensível que permita encontrar o que não conhecia, mas que já habitava virtualmente o território pesquisado.

A propósito do encontro como elemento fundamental da prática cartográfica, Costa (2014), fundamentado no pensamento de Deleuze (1988, 1998) sobre este assunto, destaca a importância do cartógrafo estar atento à potência das coisas aparentemente insignificantes e imprevisíveis com as quais se depara no movimento da pesquisa. Em suas palavras: “Um encontro é sempre ziguezagueante, algo que se passa entre dois, transitando pela multiplicidade de coisas e signos que povoam o momento singular do encontrar-se” (COSTA, 2014, p. 72).

Ainda sobre esse assunto, Costa (2014) afirma que

O pesquisador-cartógrafo não sabe, de antemão, o que irá lhe atravessar, quais serão os encontros que irá ter e no que estes mesmos encontros poderão acarretar. O cartógrafo, de certa forma, é um amante dos acasos, ele está disponível aos acasos que o seu campo lhe oferece, aos encontros imprevisíveis que se farão no decorrer do caminho (COSTA, 2014, p. 70-71).

Nesse sentido, a Cartografia se aproxima da pesquisa etnográfica uma vez que aposta na afetação mútua entre pesquisador e participantes, destacando a processualidade (processo coletivo de produção de subjetividades) do território pesquisado.

O cartógrafo, imerso no plano das intensidades, lançado ao aprendizado dos afetos, se abre ao movimento de um território. No contato, varia, discerne variáveis de um processo de produção. Assim, detecta no trabalho de campo, no estudo e na escrita, variáveis em conexão, vidas que emergem e criam uma prática coletiva (BARROS; KASTRUP, 2009, p. 74).

Costa (2014) refere-se a esse aspecto da criação coletiva que provêm da Cartografia como uma prática de pesquisa “suja” no sentido de que o pesquisador não consegue (e nem deseja) manter-se neutro e distante do campo de pesquisa, estando suscetível a contaminações e variações que ocorrem durante o processo de pesquisa e que exige posturas singulares, uma vez que o pesquisador está implicado no movimento proposto pela pesquisa.

Quanto ao trabalho do cartógrafo, Rolnik (1989) destaca uma série de pressupostos que acompanham sua prática, caracterizada pela abertura às fontes variadas que surgem na sua busca por elementos que possam vir a compor suas cartografias. Desse modo, o cartógrafo não deve se preocupar em entender, explicar ou revelar a realidade que pesquisa, mas em participar dela, “embarcar” em seus territórios existenciais, o que exige dele sensibilidade para acolher o fluxo de intensidades que produzem sentidos, mas que também podem desconstruí-los.

Para tanto, “[...] o critério do cartógrafo é, fundamentalmente, o grau de abertura para a vida que cada um se permite a cada momento” (ROLNIK, 1989, p. 70). Isso significa que tanto o seu olhar quanto o seu corpo se colocam no movimento da pesquisa, de forma a definir e redefinir constantemente o seu roteiro de preocupações no processo de produção de subjetividades.

Ao fazermos essa breve incursão pelos aspectos que caracterizam a Cartografia enquanto prática de pesquisa entendemos o quanto o pensamento rizomático se mostra coerente com os estudos que abarcam a diferença e compreendem a realidade enquanto movimento e devir.

3. A Cartografia como alternativa metodológica nas pesquisas sobre a produção de subjetividades

Tanto as pesquisas do campo da psicologia realizadas por Rolnik (1989) e Passos, Kastrup e Escóssia (2009), que embasam a Cartografia no cenário brasileiro como uma possibilidade metodológica potente para estudos que abordam processos de subjetividade, como as pesquisas citadas por Barreto, Carrieri e Romagnoli (2020) no campo dos Estudos Organizacionais, mostram sua abrangência como estratégia que favorece a construção de conhecimentos por meio do acompanhamento, da reflexão e da criação e da recriação de diferentes realidades.

Desse modo, apresentar exemplos da Cartografia como estratégia de investigação em pesquisas no âmbito do campo educacional torna-se necessário para mostrar como ela tem sido pertinente para abordar a multiplicidade e diversidade de realidades educacionais que podemos observar tanto no Brasil como em outros lugares do mundo.

Para Moraes Júnior (2011),

[...] parece evidente que uma pesquisa em Educação, sobretudo a que circunscreve a temática da subjetividade, não poderia optar por outra metodologia de investigação, dado tratar-se da tentativa de compreender os dados da realidade que circulam no ambiente escolar, sua interlocução com todos os planos do social na composição dos sujeitos (MORAES JÚNIOR, 2011, p. 55).

Seguindo as referências de Rolnik (1989) e Kastrup (2009) o autor argumenta em seu artigo sobre a adequação da Cartografia para pesquisar a educação enquanto campo social efervescente, dinâmico e produtor de “devires múltiplos”, que requer uma metodologia consistente e condizente com o propósito de descrever os processos de subjetivação dos sujeitos nela inseridos.

Por sua vez, Paste (2017) aborda a Cartografia em sua tese de doutorado como procedimento de pesquisa e filosofia tendo como objetivo descrever as contaminações e os agenciamentos de artistas-professores que atuam no ensino superior em Cursos de Artes Visuais, buscando encontrar linhas de conexão dessas profissões que se relacionam e se completam, planos comuns de criação e perceber como esses fatores se articulam no processo de atravessamento entre o ser professor e o ser artista.

Em sua pesquisa, a Cartografia assume o desafio de investigar o artista-professor tendo como referência como ele processa o heterogêneo, a singularidade na multiplicidade. Ao concluir a tese, a pesquisadora confirma sua percepção de que “[...] o que está gestado nela é o começo de uma nova etapa, que os problemas que supostamente deciframos são passíveis de rearranjos, de mudanças, de somas e subtrações” (PASTE, 2017, p. 160).

Nesse sentido, observa-se a Cartografia como possibilidade de explorar, sem esgotar, a complexidade da atuação docente, percebendo como os diferentes territórios habitados pelo professor se completam, hibridizam, conjugam, desterritorializam e reterritorializam com as questões sobre a vida e as especificidades de sua área de conhecimento que estão em constante transformação.

Já a pesquisa apresentada na tese de Barbosa (2017) apresenta outra nuance da Cartografia como fundamento filosófico e estratégia de pesquisa que tem a escola como espaço de criação e produção de um documentário como dispositivo que permite acompanhar movimentos, encontros e devires relacionados às percepções da comunidade escolar sobre as espacialidades tecidas no seu cotidiano.

Nas palavras do autor,

[...] procuramos da criação de um documentário na escola um processo cartográfico de pesquisa, em que experimentamos um movimento de filmagem-aprendizagem com os envolvidos, negociando o que, onde e filmar. Um processo que se deu em aberto, cujos caminhos foram sendo configurados num lugar de experimentação. [...] buscamos experimentar um procedimento investigativo que nos possibilitasse operar uma cartografia dos encontros voltada a expressar como o espaço entrou em outros devires nas negociações entre cinema e escola (BARBOSA, 2017, p. 21).

Esse exemplo de pesquisa cartográfica aponta para a potencialidade da cartografia na dimensão da pesquisa-intervenção, uma vez que sua proposta buscava provocar deslocamentos nos modos de viver e perceber o espaço escolar de todos os envolvidos na produção do documentário (pesquisador e comunidade escolar), o que acabou disparando novos modos de sentir, habitar e pensar aquele espaço escolar.

Ressalta-se, portanto, que as pesquisas realizadas na perspectiva cartográfica – tanto em sua dimensão epistemológica como metodológica – têm proporcionando conhecimentos cujos processos e produções possibilitam expandir o sentido de aprender, uma vez que levam em conta distintas modalidades de pensamento, reflexão e comunicação que vão além do modo textual-oral e que consideram as extensões espaciais, corporais, assim como recursos visuais e artísticos.

Esse é o caso também do projeto APREN-DO, cuja pesquisa realizada durante três anos com professores da Educação Básica em diferentes níveis de ensino de duas regiões da Espanha (País Vasco e Cataluña), está relatada no livro *¿Cómo aprenden los docentes?: Tránsitos entre cartografías, experiencias, corporeidades y afectos* (HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ *et al.*, 2020).

Nesta pesquisa, a Cartografia foi adotada na perspectiva de uma estratégia de investigação que permitia focar nos encontros e não nos resultados, acompanhar processos, mais que fazer perguntas, compartilhar com os pesquisados sobre a direção da pesquisa, considerando-a como uma oportunidade de estabelecer formas de diálogos mais estreitas.

De acordo com Hernández Hernández (2020), ao justificar a adoção da Cartografia na pesquisa em questão,

Na pesquisa, as cartografias atuaram como uma epistemologia criativa e artística, e também como uma metodologia de pesquisa narrativa que permitiu explorar fissuras, deslocamentos, viagens instáveis, formas de conhecimento, agenciamentos e emaranhados por meio dos quais os professores explicavam suas trajetórias de aprendizagem. Por nos oferecerem essas possibilidades, consideramos a cartografia, além de ser um método visual desencadeador de reflexões, como um espaço de enredamento no qual todas essas substâncias – anticorpos, coisas, textos, situações, ideias e modos de fazer – poderiam permanecer reunidas (HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, 2020, p. 51, tradução nossa).

Desse modo observa-se que a introdução da dimensão espacial (territorial, geográfica) e visual nas histórias de aprendizagem dos professores pesquisados permitiu contemplar a complexidade de investigar as suas trajetórias, abrindo um panorama de enredamento e riqueza conceitual de notáveis proporções. São cartografias que apresentam experiências atravessadas pelos afetos, pela corporeidade, pela biografia e os saberes prévios que emergem dos processos em constante devir.

Descrita pelas vozes dos vários pesquisadores que a compuseram, esta pesquisa reafirma a importância de compreender a investigação cartográfica como uma oportunidade de criar um espaço de encontros, de acatar as mudanças que ocorrem durante o processo e os movimentos da pesquisa e de conceber o processo de pesquisa como uma experiência que permite acasos e surpresas.

Enfim, percebe-se que a Cartografia, como princípio do pensamento rizomático que fundamenta um modo singular de pesquisar, mostra-se bastante pertinente e compatível com os desafios que a multiplicidade da realidade contemporânea apresenta, tendo ainda muitos aspectos a serem melhor explorados, principalmente no campo educacional.

4. Concluindo

Ao explicar sobre o pensamento rizomático formulado por Deleuze e Guattari (1995) como perspectiva que busca conhecer a realidade a partir da multiplicidade, das diferenças e das heterogeneidades, é possível compreendê-lo como uma contribuição importante a ser explorada no enfrentamento da realidade educacional contemporânea, marcada pela pluralidade, pela diversidade e por deslocamentos e rupturas constantes.

Por sua vez, o entendimento da *cartografia* como um dos princípios do modo rizomático de pensar, torna mais clara tanto a necessidade de reconhecer os dispositivos engendrados nas práticas de saber e poder que compõe o pensamento e as subjetividades nelas produzidas, como de tornar visíveis os agenciamentos que estes estabelecem no campo social e, mais especificamente no campo educacional.

Desse modo, vislumbra-se por meio da cartografia, a possibilidade de adentrar as redes que compõem os dispositivos e, atuando no movimento dinâmico de desemaranhar as conexões que suas linhas estabelecem, propor outros trajetos capazes de romper com as subjetividades produzidas e criar outros modos de operação do pensamento.

Seguindo esse raciocínio, chega-se à Cartografia como uma atitude investigativa e postura de pesquisa que tem como características singulares a abertura e a inventividade. Uma perspectiva que proporciona um modo dinâmico de pesquisar, que vivifica o conhecimento no pesquisador e no seu campo de pesquisa, uma vez que aciona o pensamento pelos aspectos que não são aparentes, mas que surgem no fluxo da pesquisa causando incômodos e deslocamentos dos caminhos comumente traçados. São exatamente esses aspectos imprevistos e da subjetividade humana que a Cartografia valoriza, que conduzem os sujeitos (pesquisadores e pesquisados) a produzirem novos conceitos e posicionamentos para enfrentar a realidade pesquisada e construir juntos conhecimentos sobre a mesma.

Ao fazer o percurso por algumas práticas de pesquisa que têm a Cartografia como fundamento de investigação e método de pesquisa é possível perceber que suas características contribuem sobremaneira com os estudos sobre a produção de subjetividades nas ciências sociais, mais especificamente no campo educacional, contemplando aspectos que têm se tornado cada vez mais dinâmicos e permeados de atravessamentos sociais, culturais e políticos.

Por fim, reconhecer a Cartografia como estratégia de pesquisa potente na investigação de fenômenos educativos contemporâneos é admitir a necessidade de procedimentos e posturas de pesquisa mais abertos, inventivos e dispostos ao acaso,

portanto, mais condizentes com a diversidade e multiplicidade existente nas relações entre professor-estudantes-conhecimentos e processos de formação, de ensino e de aprendizagem.

Referências

- BARBOSA, C. **O espaço em devir no documentário**: cartografia dos encontros entre cinema e escola. 2017. 193 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP, 2017.
- BARRETO, R. O.; CARRIERI, A. P.; ROMAGNOLI, R. C. O rizoma deleuze-guattariano nas pesquisas em Estudos Organizacionais. **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, RJ, v. 18, n. 1, p. 47-60, Jan./Mar. 2020.
- BARROS, L. P.; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In: KASTRUP, V.; PASSOS, E.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da Cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre, RS: Sulina, 2009. p. 52-75.
- COSTA, L. B. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. In: **Revista Digital do LAV**. Santa Maria, RS, v.7, n.2, p. 66-77, mai-ago, 2014.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. vol. 1. São Paulo, SP: Ed. 34, 1995.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 1996.
- HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, F. *et al.* **¿Cómo aprenden los docentes?**: Tránsitos entre cartografías, experiencias, corporeidades y afectos. Barcelona, Espanha: Universidad (Spanish Edition); Ediciones Octaedro (Edição do Kindle), 2020.
- HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, F. El planteamiento de la investigación: transitar desde el no-saber en las trayectorias de aprendizaje de los docentes. In: HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, F. *et al.* **¿Cómo aprenden los docentes?**: Tránsitos entre cartografías, experiencias, corporeidades y afectos. Barcelona, Espanha: Universidad (Spanish Edition); Ediciones Octaedro (Edição do Kindle), 2020. p. 46-66.
- KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: KASTRUP, V.; PASSOS, E.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da Cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre, RS: Sulina, 2009. p. 32-51.
- MORAES JÚNIOR, J. A. Para uma análise cartográfica da subjetividade na escola a partir de Nietzsche, Deleuze e Gattarri. **Saberes**, Natal, RN, v.1, n.6, p.53-64, fev. 2011.
- OLIVEIRA, M. O.; MOSSI, C. P. Cartografia como estratégia metodológica: inflexões para pesquisas em educação. **Conjectura**: Filos. Educ., Caxias do Sul, RS, v. 19, n. 3, p. 185-198, set./dez. 2014.

OLIVEIRA, G. S.; CUNHA, A. M. O.; CORDEIRO, E. M.; SAAD, N. S. Grupo Focal: uma técnica de coleta de dados numa investigação qualitativa? In: **Cadernos da Fucamp**, UNIFUCAMP, v.19, n.41, p.1-13, Monte Carmelo, MG, 2020.

PASSOS, E.; BARROS, R. B. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: KASTRUP, V.; PASSOS, E.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre, RS: Sulina, 2009. p. 17-31.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). **Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre, RS: Sulina, 2009.

PASTE, R. **Artista-professor: cartografia e processo**. 2017. 167 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação, Vitória, ES, 2017.

PRADO FILHO, K.; TETI, M. M. A Cartografia Como Método para as Ciências Humanas e Sociais. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, RS, n.38, p.45-59, jan./jun. 2013.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo, SP: Estação Liberdade, 1989.

SIMONINI, E. Linhas, tramas cartografias e dobras: uma outra geografia nos cotidianos das pesquisas. In: GUEDES, A. O.; RIBEIRO, T. (Orgs.). **Pesquisa, alteridade e experiência: metodologias minúsculas**. Rio de Janeiro, RJ: Ayvu, 2019. p. 73-92.